

A experiência "Magalhães" utilizando a infância portuguesa: os perigos da robotização da educação

RAUL GUERREIRO

Conselho Federal Parental Waldorf, Alemanha

Os tempos actuais são marcados por um fenómeno de mutação radical das consciências, como produto da liberdade individual em expansão explosiva, mais o desaparecimento de tradições em todos os níveis e a crescente automatização da vida. Neste contexto de sabor orwelliano, mais do que nunca o mundo da pedagogia continua em busca de soluções adaptadas aos tempos. Trata-se de um interminável afã de renovação que já dura séculos, durante os quais sucederam-se inúmeras modas inovadoras, que sempre demonstraram, em seguida, serem meros pensos remediativos, incapazes de ir ao fundo da questão. Após a onda de cientificismo que deleitou o Século XIX, sobreveio uma educação dedicada fanaticamente ao polo oposto. Foi o hediondo culto da raça, com a sua adoração ideológica dirigida à educação do espírito através do corpo, algo que entre nós encontrou expressão na famigerada "Mocidade Portuguesa" do período fascista, decalcada da Juventude Hitleriana da Alemanha nazi.

Apesar dos vastos conflitos laborais que afligem a classe docente em Portugal, intenta-se agora uma nova inversão ideológica de polos, com uma concentração sobre os meios electrónicos aplicados à educação. Surgiu assim esta experiência bombástica de distribuição em massa de minicomputadores pelas escolas do país, como se isso fosse o *dernier cri* em matéria de educação, que permitiria a Portugal apanhar o aparentemente perdido combóio da civilização europeia. O mundo educativo português parece agora mergulhado em uma estranha mistura de excitação e indolência, conforme é lançada esta campanha anunciada como "sem igual no mundo": proporcionar a meio milhão de almas infantis no nosso ensino básico o convívio físico e psíquico permanente com um computador portátil, epopeicamente alcunhado de "Magalhães". Acompanhada por uma veneração tecno-mercadológica sem limites, a máquina é apresentada como autêntica janela para o mundo, para o futuro e para a vida, utilizável na escola, na rua ou em casa, de facto como propriedade de cada criança. Semelhante medida, que a rigor é uma experiência laboratorial sem qualquer qualificação prévia, abate-se como uma verdadeira onda tsunâmica tecnológica sobre o humanamente já crítico mundo escolar, sendo que numerosas realidades pedagógicas, médicas e ético-sociais sobre os seus efeitos negativos não são conhecidas de professores, pais e grande público.

A experiência foi anunciada espectacularmente como educacional, mas possui por trás do palco um histórico bem diferente. Como já se sabe, "Magalhães" é apenas um nome fantasioso para uma versão

Revista Iberoamericana de Educación

ISSN: 1681-5653

n.º 49/3 – 25 de abril de 2009

EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos
para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)



modificada de um minicomputador da mega-empresa americana Intel. A Intel alterou a sua estratégia de negócios após abandonar uma anterior aliança com a fundação americana OLPC. Para a conquista do novo e gigantesco mercado das crianças em todo o mundo, a Intel passou a celebrar acordos de alto nível directamente com governos de países subdesenvolvidos, para a montagem local da máquina sob diversos nomes e diversas modificações. Agora, a exemplo da Irlanda, onde o governo assegurou à Intel subsídios, condições preferenciais e mão de obra barata para a instalação da sua segunda maior fábrica de *chips*, Portugal foi estrategicamente escolhido como país praticamente terceiro-mundista, mas integrado na Europa, para assegurar operações a baixo custo dedicadas à montagem e exportação em massa de um computador para um mercado mundial de mais de 1 bilhão de almas infantis.

A distribuição entre nós de meio milhão de computadores portáteis, anunciada como uma "revolução para a educação em Portugal", reduz-se na realidade a uma jogada promocional para acompanhar um *big business* internacional de proporções astronómicas. Mas no meio de tanta euforia, já há hoje factores de consequências imprevisíveis: como empresa-mãe do Magalhães, a Intel está confrontada com uma gravíssima crise global, tendo sofrido no final do ano passado uma queda de 90% nas vendas. Está prevista a eliminação de 6.000 postos de trabalho e o encerramento de unidades na Malásia, Filipinas e EUA. Enquanto isso, a Índia, um país com grandes capacidades tecnológicas independentes, optou por dar as costas aos potentados ocidentais e produzirá, em breve, em massa, o seu minicomputador "Sakshat" a um preço irrisório.

A experiência electrónica do Magalhães poderia suscitar muitas outras questões colaterais. Porque deverão professores perder o seu precioso tempo com novas tarefas administrativas estranhas à profissão? O que é que uma colossal empreitada economicista, dirigida para a assamblagem em Portugal de computadores americanos para exportação, tem a ver com a nossa atardada educação infantil? Que autoridade humanística e pedagógica tem semelhante consórcio industrial para vir instruir os nossos pais e professores quanto ao estilo de ensino robotizado que pretendem implantar entre a infância? Que negociatas gigantescas estarão em curso, sob a respeitosa capa da educação, para vender ligações de internet, reparações de computadores e a habitual procição de impressoras, periféricos e softwares de toda a espécie? Serão de admitir como legítimas as invasões da esfera familiar e infantil pela artilharia publicitária magalhânica, que já começou a injectar nas inocentes mentes infantis propostas sedutoras como "Ganha um iPhone 3G" ou "Ganha um Nintendo DS Lite"? Surge até a grave pergunta computacional: Será legítimo acorrentar a próxima geração portuguesa, praticamente a partir do berço, ao potentado exclusivismo do sistema operacional Microsoft?

Tudo isto vem evidenciar o fenómeno pouco conhecido da verdadeira febre que se apossou do mundo computacional, conforme foi descoberto em nível global um vasto mercado infantil até agora praticamente intocado. Muitas mais questões delicadas poderiam ser formuladas, mas conforme a experiência magalhânica vem abertamente apresentar como espectáculo educacional aquilo que é na realidade uma manobra mercadológica utilizando a infância portuguesa como objecto laboratorial, pais, professores e o público em geral estão sobretudo interessados em conhecer mais detalhadamente as consequências de tudo isto para a formação das personalidades da próxima geração de portugueses.

Em Nova Iorque, como as autoridades descobriram que muitos alunos vinham usando os seus minicomputadores portáteis para enviarem para os seus camaradas soluções e respostas para testes e exames, bem como para descarregar filmes pornográficos, ou interferir nas actividades do comércio local,

os pais e as escolas apertaram as suas medidas de proibições internéticas – algo que aliás também está previsto para a experiência Magalhães, na forma de um Programa de Controlo Parental. Mas em pouco tempo os alunos encontraram não só soluções técnicas para contornar as simples proibições, como ainda publicaram na internet os respectivos códigos e procedimentos, permitindo assim a quaisquer outras crianças fazerem o mesmo. Além disso, muitos dos computadores apresentavam constantemente irregularidades, e em dias de provas a rede de internet sofria irremediáveis colapsos, devido aos milhares de alunos que tinham os olhos cravados em seus mini-ecrãs. Assim, a exemplo de muitas outras escolas no país que haviam participado de dadas campanhas de distribuição do género "um computador para cada aluno", as autoridades escolares decidiram retirar as máquinas das mãos dos miúdos, devido a demonstrarem ser uma absoluta decepção educacional.

Conforme declarou Mark Lawson, presidente de uma junta de educação, passados setes anos não havia qualquer resultado que evidenciasse um impacto positivo sobre o rendimento escolar dos alunos. Onde quer que a distribuição em massa das máquinas foi implementada, elas tornaram-se um verdadeiro impedimento na escola, provocando uma dispersão para o processo de aprendizagem. Além disso, o crescente abandono dos computadores pelos alunos durante trabalhos escolares, o uso abusivo para fins particulares, a insuficiente preparação dos professores, mais os gigantescos problemas logísticos e financeiros com a manutenção de milhares de aparelhos, forçaram os próprios professores a tomar uma medida extrema: boicotar o seu uso. O Departamento Nacional de Educação dos Estados Unidos apresentou recentemente um estudo, demonstrando que não há diferença no sucesso académico entre estudantes que anteriormente usaram, ou não, programas computerizados para a aprendizagem das disciplinas mais críticas na formação escolar: a matemática e a leitura.

Um relatório da Dra. McGregor, da University College London, publicado na prestigiosa revista inglesa de medicina "Lancet", salienta que a promoção da inteligência infantil na fase inicial da vida está associada a factores totalmente diferentes. Ficou demonstrado que a implementação de actividades lúdicas não digitais é capaz de promover o quociente de inteligência (IQ) mesmo em crianças que sofram de malnutrição e sub-estimulação, como é o caso de milhões de crianças no terceiro mundo. Conforme a pesquisa concluiu, uma simples intervenção dos governos no mais baixo nível, e a custos irrisórios em comparação com tecnologias *high-tech*, poderia ter uma influência decisiva para mudar as atitudes e encorajar actividades, com imediatos resultados positivos para o rendimento escolar.

Os Drs. Clotfeiler, Ladd e Vigdor, da Harvard University, pesquisaram recentemente dados de quase 1 milhão de alunos e verificaram que os melhores resultados em testes de matemática e leitura foram alcançados por crianças que não tinham acesso a computadores em casa. Para alunos com computadores, o acesso à internet não revelou quaisquer benefícios adicionais. Além disso, os resultados indicaram que disponibilizar em larga escala o acesso a computadores em casa resultaria contra-protutivo para os esforços de reduzir disparidades raciais, sociais e económicas.

Uwe Buermann, colaborador científico do Instituto Ipsum de Stuttgart e docente de Ciências Computacionais em Kiel, sublinhou que os meios electrónicos presentes na vida de uma grande parte da população infantil são cada vez mais ingenuamente considerados pelos pais como simples brinquedos mantidos nos quartos das crianças, tornando-se assim praticamente uma propriedade particular que elas podem usar a bel-prazer. E conforme as crianças mostram uma aparente habilidade superior à dos adultos para lidar com tudo isso, muitos pais e educadores ficam confortados e deixam de interessar-se pelos

efeitos negativos, imaginando que são coisas inofensivas e tipicamente infantis. Entretanto, inúmeros estudos rigorosos já atestaram que o convívio prematuro com computadores impede de maneira notável o desenvolvimento de uma variedade de capacidades e habilidades. Assim, precisamente as crianças iniciadas muito cedo nas tecnologias da comunicação sofrem posteriormente de uma limitação quanto às suas oportunidades pessoais e profissionais, permanecendo condenadas a uma dependência dos meios electrónicos para o resto da vida.

Nas escolas, cada vez mais crianças mostram debilidades motrizes designadas como sintomas de Distúrbio de Hiperactividade e Défice de Atenção (DHDA). A neurobiologia já atestou que em numerosos desses casos estamos na realidade perante danos psicológicos e orgânicos derivados do consumo de meios electrónicos na primeira fase da infância. Os apregoadores pró-digitais gostam muito da frase "Os computadores ensinam as crianças a lidar com computadores", mas imaginar que isto já constitui uma preparação para a vida constitui uma ilusão bastante elementar. A única coisa que as crianças em idade do nível escolar básico conseguem realmente aprender com os computadores é a manipulação dos mesmos, o que não deve ser confundido com uma competência medial. Para uma verdadeira competência medial é preciso primeiramente uma suficiente capacidade de auto-avaliação do uso individual de qualquer aparelhagem, mais uma criatividade suficientemente desenvolvida, e ainda um saudável discernimento crítico acerca dos conteúdos recebidos audiovisualmente – coisas que as crianças só alcançam mais tarde.

Na Universidade de Munique, um estudo realizado pelos Drs. Fuchs e Woessmann, com o patrocínio da Volkswagen, analisou em detalhe o meio-ambiente computacional familiar e escolar. A conclusão menciona que a mera presença de um computador em casa está negativamente relacionada com o rendimento escolar dos alunos. Por outro lado, a existência de computadores na escola demonstrou uma relação insignificante com a performance geral dos alunos. A disponibilidade de um acesso à internet na escola mostrou inicialmente algum efeito, mas esse efeito degradava-se rapidamente conforme aumentava o número de visitas internéticas por semana. O estudo veio confirmar e aprofundar rigorosos trabalhos anteriores de especialistas internacionais, que já haviam determinado resultados decepcionantes, em termos de rendimento educacional com o uso de computadores. Os autores acabaram por concluir que onde quer que os computadores sejam aplicados para substituir outros tipos de instrução, quem sai prejudicado é o aluno.

Um computador permanentemente à disposição das crianças constitui assim na realidade um obstáculo e um factor de distração para uma aprendizagem que envolva uma actividade mental criativa. Entretanto, uma nova estirpe de tecnocratas argumenta aos quatro ventos que "saber manipular desde cedo um computador" é algo que promove habilidades comunicativas fundamentais para o futuro, aumentando as chances do sucesso profissional na vida adulta. O aspecto pernicioso, e deliberadamente escondido da opinião pública, é que ocorre aí um sacrifício de outras aptidões, de natureza anímica e social, essenciais para a vida. O desastroso efeito final resulta fatal para uma educação equilibrada, pois são precisamente aquelas aptidões sacrificadas – e não a capacidade de manusear uma máquina – que mais tarde se revelam como críticas para a estabilidade da personalidade pós-pubertária e para a integração dos jovens-adultos no mundo do trabalho e na interacção puramente humana.

Entre muitos pais e educadores espalhou-se também a crença ingénuo de que deixar crianças em frente de um aparelho de televisão, vídeo, leitor de DVD, etc. contribuirá para torná-las depois mais vivas e mais hábeis para lidar com computadores e meios electrónicos complexos, quando entrarem para a escola.

Os Drs. Zimmerman e Christakis, da University of Washington, atestaram pelo contrário que as populares séries de vídeos infantis estão a fazer mais mal do que bem, especialmente no que diz respeito a crianças com dificuldades de desenvolvimento da linguagem. Crianças expostas de maneira cumulativa a tais programas sofrem um efeito exactamente inverso, deixando de aprender novos vocábulos. O resultado negativo do consumo de softwares de animação, mesmo quando apresentados como programas educativos, foi também verificado em estudos na Faculdade de Medicina da University of New Mexico. A interacção das crianças com o mundo real revelou-se como fundamental, sendo que as habilidades linguísticas podiam ser melhoradas até com o simples expediente de as crianças ouvirem regularmente histórias lidas por educadores ou familiares. Os pesquisadores concluíram com uma condenação cabal: a exposição prematura de crianças a programas audiovisuais em computadores, aparelhos de vídeo, etc. só pode produzir o aparecimento de uma geração de crianças hiper-estimuladas e posteriormente deficitárias em termos de capacidade de concentração.

A Academia Americana de Pediatria realizou um vasto estudo clínico sobre saúde familiar e infantil, a respeito da importância dos jogos e das brincadeiras reais, não digitais, para a educação das crianças. A conclusão aponta para o facto de que essas actividades desempenham um papel absolutamente essencial para o desenvolvimento, contribuindo para o bem-estar cognitivo, físico, social e emocional, tanto das crianças como dos futuros jovens. Além disso, essas actividades oferecem uma oportunidade ideal para os pais envolverem-se mais profundamente no verdadeiro convívio humano com os seus filhos. Infelizmente, essas actuações pedagógicas salutares no seio de famílias, escolas e comunidades vêm sendo abandonadas devido a uma série de factores, como vidas mergulhadas em *stress*, desintegração das famílias, crescente tendência para abordagens tecnicistas nas escolas, bem como um excesso de mera recolha e acumulação de informações.

Também o Dr. Elkind, na Universidade Tufts de Massachusetts, estudou durante muitos anos o desenvolvimento de crianças, verificando que a habilidade auto-lúdica simplesmente está a desaparecer, sob o efeito conjugado de meios electrónicos e actividades sedentárias, bem como uma crescente pressão dos educadores para forçar crianças do nível primário a obterem cada vez mais rapidamente resultados de cariz académico. Para milhões de crianças, a época da infância passou a designar um período de vida confinado a quatro paredes. Até jardins de infância estão a ser cada vez mais transformados em verdadeiras escolinhas acadêmicas, onde as crianças são prematuramente tratadas como mini-adultos, sendo até submetidas a testes elementares e recebendo tarefas para casa.

Conforme salientou o Dr. Elkind, durante as últimas duas décadas as crianças perderam em média 12 horas de tempos livres por semana. Ao mesmo tempo, o período dedicado a desportos duplicou e o número de minutos que as crianças dedicam a actividades passivas cresceu de 30 minutos para mais do que 3 horas por semana – isto sem contar com os intervalos para contemplar passivamente o rectângulo de uma televisão. "Os efeitos sobre a posterior vida escolar e académica são desastrosos. Ao lidar com ciências e matemática, por exemplo, os jovens sentem-se mais tarde empobrecidos em termos de imaginação e criatividade", sublinhou o Dr. Elkind. Também o Dr. Bob Marvin, da University of Virginia, salientou que após décadas de pesquisas ficou demonstrado que as experiências lúdicas e as puras vivências humanas fora das salas de aula, durante o primeiro período de cognição infantil, são aquelas que colaboram da maneira mais decisiva para as futuras habilidades académicas adultas, e para uma competência de aprendizagem para o resto da vida.

Em 1840, após séculos de educação infantil atrelada às árduas obrigações laborais das famílias, o genial pedagogo Froebel foi o primeiro a usar a expressão "jardim" para designar locais de abrigo educativo para crianças, reconhecendo já nessa época a importância marcante das práticas lúdicas e naturais para a completa formação da personalidade humana. Mas nos últimos anos, sob o influxo de personalidades intelectualistas ultra-ortodoxas, como a Dra. Donata Eischenbroich, que distribuiu pelo mundo a perspectiva cientifista abstracta do "aproveitamento estratégico da inteligência infantil nos primeiros anos de vida", está em curso em muitos países um processo de perversa robotização até de jardins de infância, com a instalação de potentes centros de computação disfarçados como brinquedos. Por outro lado, o mercado extremamente lucrativo dos produtos para crianças, apoiado por estratégias de marketing e publicidade sumamente refinadas e sem controlo ético ou educativo, vem igualmente alimentar um amadurecimento prematuro das crianças, ao promover uma "compressão etária", de modo que produtos concebidos para crianças maiores, ou até para adultos, sejam consumidos por crianças de cada vez menos idade. Iludidos por promessas tecnocratas de modernização das suas actividades, muitos pedagogos passaram assim a menosprezar como factor supérfluo as actividades de tempos livres das crianças, e o seu papel essencial para a aquisição de uma série de habilidades anímicas permanentes, que são impossíveis de obter de qualquer outro modo.

No Departamento de Ciência de Computação da Universidade de São Paulo, o Dr. Valdemar Setzer vem estudando há muitos anos o tema dos Meios Electrónicos e a Educação (ver o interessantíssimo livro ISBN 85-86303-91-7 com o mesmo título). Consultado acerca do projecto Magalhães, ele declarou que semelhante medida resultará quase só inútil, ou altamente prejudicial para crianças e adolescentes. A distorção introduzida no modo de pensar, aliada aos factores mais comumente discutidos, como a perda do tempo para brincadeiras, os perigos da internet devido à ingenuidade das crianças, e a falta de um auto-controlo que só se alcança mais tarde, acabam por prejudicar o rendimento escolar. Durante a última Multiconferência Mundial sobre Sistemática, Cibernética e Informática ele referiu como a totalidade do mundo educativo, em nível internacional, está hoje carente de uma profunda reforma, reforma essa que deve instituir uma intensificada humanização, e não a introdução de cada vez mais tecnologia. O tema pode ser consultado em "www.ime.usp.br/~vwsetzer/pals/palestras" que contém extenso material em língua portuguesa.

O que está em causa não é só a catastrófica perda da habilidade de escrever à mão, ou a necessidade de milhões de crianças terem em breve de usar óculos para compensar a deterioração da vista, devido à intensa contemplação de mini-imagens a poucos centímetros de distância. O fenómeno do uso irrestrito de meios electrónicos entre as crianças na fase pré-pubertária equivale a uma verdadeira agressão dirigida ao nosso universo infantil, uma vez que os incomensuráveis danos psíquicos e orgânicos provocados a longo termo ocorrem precisamente durante os delicados primeiros passos da formação das almas infantis, prejudicando-as definitivamente no seu desenvolvimento harmónico e saudável. Conforme o Dr. Setzer comentou com palavras rigorosas e desabridas: "Isto só poderá levar ao aparecimento de adultos anti-sociais, com ideias fixas, passivos, fanáticos e pobres em forças de compaixão e criatividade".

Um sumário

Uma recolha entre os muitos estudos existentes permite sumarizar 10 efeitos negativos que os meios electrónicos exercem sobre crianças na fase pré-pubertária: (1) Indução de uma admiração

desmesurada por máquinas, conforme o complexo funcionamento intrínseco dos computadores permanece incógnito; (2) Estímulo para a ideia de que máquinas dotadas de "inteligências artificiais" podem em muitos casos ser mais perfeitas do que os seres humanos; (3) Cultivo de uma concepção materialista do mundo, com uma visão fatalística da humanidade e da vida, do tipo "tudo é previsível e programável"; (4) Inclinação para uma estratégia de vida baseada na fé computacional de "dividir para conquistar", ou seja, subdividir sempre um problema em partes menores, a fim de resolvê-las separadamente – o que resulta desastroso quando aplicado a seres humanos; (5) Deterioração dos valores de sociabilidade, uma vez que os computadores são usados individualmente e os contactos via internet, blogues, skype, e-mails, etc. permanecem sob a nervosa máscara cibernética; (6) Provocação de impulsos tendentes a realizar tudo na vida rapidamente e com variadas acções ao mesmo tempo; (7) Debilitamento das capacidades de concentração mental, contemplação e paciência; (8) Degeneração da memória e distorção da capacidade do pensamento criativo, conforme deixa de ser necessário memorizar tudo que é facilmente arquivável em gigantescas memórias electrónicas; (9) Incitamento à utopia de "aprender é fácil, aprender é como brincar", devido à pobre e infantilóide concepção dos *softwares*; (10) Danos irreparáveis para a habilidade de escrever e para os órgãos de visão, e eventualmente degeneração de funções neurocerebrais, devido à prolongada exposição a campos electromagnéticos nas proximidades da cabeça.

O plágio Magalhães

Apesar de os dados exactos sobre as funestas influências psíquicas e orgânicas dos meios electrónicos sobre as crianças estarem desde há muito patentes para serem consultados por qualquer pessoa, surge agora em Portugal esta experiência do Magalhães como o sonho de "um computador para cada aluno". Na verdade, isto é puro plágio do credo visionário do americano Seymour Papert, um guru da informática e co-autor dos planos mirabólicos da OLPC, a fundação americana de Nicholas Negroponte, que assumiu por missão tecno-mística "mudar o mundo" através da distribuição de minicomputadores para cada criança no nosso planeta.

Os textos de divulgação do Magalhães apresentam para pais e mães, a fítulo de rifão educativo, a suposta necessidade de os seus filhos serem preparados desde o mais cedo possível para "competências nas tecnologias de informação e comunicação". Colaboradores do projecto da Universidade de Lisboa consultados, recomendaram até o uso a partir dos 4 anos de idade. A documentação faz inclusive uma inversão de valores: os adultos são apresentados como praticamente analfabetos tecnológicos, enquanto que as crianças são enaltecidas por possuírem qualquer coisa como uma sabedoria nata, devido a "viverem desde o nascimento cercadas por computadores, jogos de vídeo, aparelhos de música digital, câmaras e telemóveis" e terem sempre "visto na rua ou na televisão outras pessoas a utilizá-los". Sugere-se que as crianças possuem, como se fossem seres que já vêm semi-robotizados do útero materno, uma espécie de segunda natureza instintiva que lhes confere "um grande à vontade, em particular com os computadores, sem necessitar de explicações ou livros de instruções". Relegados assim para o papel de passivos cuidadores de proximidade, os pais são solicitados a simplesmente admirar os filhos "naquilo que eles já sabem fazer" e acompanhá-los para que "aprendam ainda mais". E apesar de vivermos em uma era sacudida pelo desastre da crescente desagregação social e moral entre famílias, pais e filhos, o apelo absurdo contido no texto é para que os pais "estreitem a relação com os seus filhos no que diz respeito ao mundo das tecnologias".

Pais e mães são ainda convocados a ajudarem os seus filhos para que eles "vivam em segurança no mundo digital em que nasceram". Isto equivale a um alerta anti-terrorista cibernético, promovendo nas almas infantis a noção difusa de que nos subterrâneos incompreensíveis dos computadores está presente algo de misteriosamente perigoso. Entretanto, muito mais perigoso é outro aspecto raramente discutido: a segurança pessoal das próprias crianças. Conforme anunciou o Ministério da Administração Interna no seu recente Relatório Anual de Segurança Interna, o país sofre de crescentes índices de criminalidade. Não é difícil de prever que meio milhão de crianças transportando diariamente entre casa e escola um moderno computador portátil, poderão tornar-se vítimas fáceis de assaltos, inclusive com o uso de violência. Além do profundo choque psicológico provocado por tais eventos, qual não será o drama de isolamento vivido por uma criança de pouca idade, que além de não poder mais realizar em casa certas tarefas, seguir instruções electrónicas colectivas na escola, ou participar nas folias digitais com os seus camaradas, ainda perde, conforme promete o folheto Magalhães, a sua "comunicação com o mundo"? Na América já foi suficientemente estudado até o insidioso fenómeno de ostracismo e tensão social que surge entre "alunos equipados" e "alunos não equipados" (inclusive por decisão de pais mais conscienciosos), resultando no aparecimento de duas classes de crianças, com efeitos desmoralizantes para toda a educação. Isto vem acrescentar-se aos novos desafios do meio-ambiente escolar, onde por exemplo nas salas de aula os professores começam a enfrentar, cada vez mais, verdadeiros pequenos tiranos que não sabem conter os seus impulsos, regular as suas emoções ou reconhecer a autoridade pedagógica dos pais ou da escola.

A experiência Magalhães pretende ainda que os pais pratiquem uma fiscalização sobre o uso dos computadores nas mãos dos filhos. A realidade é que a maioria das famílias não tem tempo, nem interesse, nem conhecimentos para isso. Se as tradicionais psicodrogas da televisão e dos jogos de vídeo já não merecem qualquer censura crítica pela maior parte dos pais – são até geralmente bem-vindas como distração aliviadora dos nervos dos adultos – como se pode esperar que uma família se comporte de maneira diferente perante mais uma maquina em casa? Tal como tradicionalmente acontece com cigarros e álcool, semelhante função policial para impedir certas conexões internéticas e imêlicas decididas pelos adultos como imorais, etc. só poderá provocar o aparecimento de uma tensão moral adicional no seio das famílias, alimentando inclusive, como já foi confirmado em outros países, uma curiosidade natural mais exaltada entre as crianças para se ultrapassar os obstáculos.

Juntamente com o carácter virtualmente totalitário da experiência – haja vista que prevê-se uma total cobertura do país – a documentação para alunos vem por sua vez colaborar para esvaziar o significado humano de qualquer professor. No Guia de Instruções para Alunos, o computador apresenta-se às crianças com uma pseudo-personalidade de "Eu", como uma entidade orgânica que fala às crianças em termos íntimos e carinhosos para pedir coisas como "Tal como tu não deitas líquidos estranhos para os teus olhos, também não os podes deitar no meu ecrã", ou "Cuidado com a minha alimentação". Em caso de perda, a mais grave consequência mencionada é "Ficas sem mim", simulando o drama da morte entre adultos. Para esta encenação dedicada a conferir, já durante os primeiríssimos passos de robotização das crianças, uma face humana às máquinas, elas são até apresentadas às crêdulas mentes infantis com a máscara de uma dimensão humanista ecumênica, que permite por exemplo que "te comuniqués com o mundo".

E quando se trata do assunto para o qual a máquina foi afinal criada, não faltam rebufados a prometer brincadeiras: "Juntos vamos trabalhar e divertir-nos imenso", anuncia o texto. É impossível não lembrar aqui de imediato aquele triste período da nossa história, onde uma ordenação totalitária e

uniformizadora do universo infantil do país também fazia, sob a direcção do antigo Ministério da Educação, bastas promessas de divertimento. O hino oficial da Mocidade Portuguesa abria exactamente com as palavras: "Lá vamos cantando e rindo!".

Nota final

Em paralelo com a vulgarização dos computadores como instrumentos úteis e necessários para a comunicação e o trabalho, ocorreu um fenómeno de deslumbramento das massas adultas, desejosas de aproveitar essa tecnologia nas suas vidas, não só pelas legítimas vantagens de trabalho e de rápida consulta a fontes de informações, como também para navegações particulares úteis ou inúteis na internet, mais o conforto quase autista de poder comprar coisas sem ter que encontrar pessoas, ou ir fisicamente a lojas. O segundo fenómeno é a actual fascinação que uma nova tecnologia esvaziada de valores éticos e morais vem provocando entre autoridades educacionais, até ao ponto de fazer degenerar toda uma pedagogia humanista durante os anos da escolaridade pré-pubertária.

Até recentemente, o mundo da educação era um mundo que se alimentava de ideais e impulsos humanistas, religiosos, filosóficos, pedagógicos e psicológicos. Um mundo ávido de algo como um ainda desconhecido estudo profundo do Homem e para o Homem. Mas com a capitulação da máquina educacional perante as máquinas digitais, surge agora adicionalmente uma dependência escravista perante os ditames do mundo dos negócios. Assim, numa perversa deformação de propósitos, a educação – que é simplesmente o futuro da humanidade – passa a depender de estratégias economicistas, durante as quais técnicos cibernéticos até intervêm em procedimentos puramente educativos, assumindo o papel de formadores de professores e pais, para implementar as suas táticas pedagógicas robotizadas.

Este é o momento histórico e dramático que estamos a assistir, conforme o avanço da miscigenação homem-máquina vem promover uma nova forma de barbárie colectivista, pintada de promessas futurísticas, obrigando educadores a desistirem da sua função humanista e formadora primordial, e a tornarem-se peças de um sistema robótico invisível. Toda uma antropologia pedagógica da primeira infância é atirada para o lixo, para inaugurar-se uma tecno-idolatria que não receia comparação com o recente passado negro totalitário de Portugal.

Vale aqui lembrar os conteúdos de dois documentos internacionais fundamentais:

- A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, co-assinada por Portugal junto à ONU, estabelece no artigo 26/3: *«Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos».*
- A CONVENÇÃO DE PROTECÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DAS LIBERDADES FUNDAMENTAIS, igualmente co-assinada por Portugal junto ao Conselho da Europa, estabelece no artigo 2 do protocolo: *«O Estado, no exercício das funções que tem de assumir no campo da educação e do ensino, respeitará o direito dos pais a assegurar aquela educação e ensino consoante as suas convicções religiosas e filosóficas».*

Correio eletrónico: guerreiro@t-online.de